



APRESENTAÇÃO

UNIVERSIDADE E ESCOLA COMO ESPAÇOS DE DIÁLOGO E AÇÕES COLABORATIVAS DE APRENDIZAGEM

Um dos principais desejos e desafios da educação contemporânea é a articulação efetiva entre Universidade e Escola. Enquanto instituições educativas, universidades e escolas, têm trajetórias históricas e práticas distintas, em determinados momentos se aproximaram ou distanciaram com maior ou menos amplitude. Nas últimas décadas identificamos um esforço mais intenso, direcionado por meio de políticas públicas principalmente voltadas para a formação de professores, no sentido de aproximar tais instituições, e mais ainda, de construção de ações coletivas em prol da melhoria da qualidade da Educação Básica brasileira.

O Programa de Iniciação a Docência (PIBID) e o Observatório da Educação (OBEDUC) são exemplos de Programas que apresentam, dentre seus objetivos, destaque para uma maior integração entre universidade e escola. Em sua gênese buscam inserir os licenciandos no contexto escolar de modo a se familiarizarem com os processos escolares, experienciando sucessos e fracassos, ansiedades, conflitos e contradições entre teoria e prática.

A tão almejada articulação entre teoria e prática, supostamente, seria revelada nas ações dos universitários nas escolas e na troca de vivências entre os professores da universidade e das escolas, já experientes, e os licenciandos em processo de aprendizagem. Entendo que o sucesso ou insucesso desta articulação estaria justamente no modo como tal articulação se dá. Em que medida realmente existe uma interação entre os universitários e os docentes ‘experientes’? Em que medida não se reproduz com os licenciandos a crença da *tabula rasa*, teoricamente superada, mas muito presente no senso comum, em que os estudantes não ‘sabem nada’ e precisam aprender com os professores - da universidade e das escolas - e estes, por sua vez, devido a sua gama de experiência e estudo, seriam os detentores supremos dos saberes teóricos e ou práticos, a serem transmitidos para os novos professores de matemática, muitas vezes tidos como entusiasmados, mas pouco sabedores da realidade e da vida?

Como efetivamente é possível realizar a articulação entre universidade e escola? São vários os elementos a serem considerados. Neste momento analisarei dois: o exercício do diálogo e a constituição de práticas colaborativas de aprendizagem.

O diálogo como princípio para a liberdade de pensamento e estratégia de ensino já se faz presente no mundo grego por meio da maiêutica socrática, no entanto é com Paulo Freire que compreendemos o diálogo como uma prática do homem comum. Para Paulo Freire o diálogo funda-se no amor, na humildade, na fé nos homens, na esperança e no pensar crítico.

O amor é tido como condição para o processo de humanização, possibilita a emancipação entre os homens, chamados a serem sujeitos da história; é compromisso com a humanidade. A humildade vem na contra mão da arrogância que cria guetos em que seletas pessoas se auto intitulam detentoras de verdades, que não se reconhecem nos outros, e tão pouco vivenciam a comunhão de saberes. A fé nos homens é condição *a priori*, pois possibilita sempre o renascer, mesmo nos momentos de crise, pois se esta convencido do poder de fazer e transformar que é condição humana. Sem a fé nos homens o diálogo é uma farsa, diz Paulo Freire, tão pouco existe diálogo sem esperança. A esperança impulsiona a ação, que no pensamento crítico encontra os caminhos que levam a transformação.

Em síntese, sem o diálogo não há comunicação e, sem esta, não há verdadeira educação. Neste sentido, educando e educador estão em constante processo de aprendizagem e quanto mais envolvem-se em experiências de trocas de ideias e de conhecimentos, mais ampliam sua capacidade de dar sentido a sua compreensão de mundo.

Por sua vez o diálogo é condição para a colaboração.

Neste sentido aproximamos as ideias de Paulo Freire com as teorias da aprendizagem mais contemporâneas que colocam a aprendizagem como um processo fundamentalmente social que se dá na experiência vivida de participação no mundo, em especial com a teoria social da aprendizagem desenvolvida por Etienne Wenger.

Para Etienne Wenger a aprendizagem é um processo abrangente que se dá na participação social em diferentes práticas de comunidades sociais, que vão desde a comunidade familiar, grupo de colegas de trabalho, e demais comunidades nas quais estabelecemos algum tipo de pertencimento. As universidades e escolas seriam instituições propícias para a criação de comunidades de práticas em que aprendizagens, as mais variadas possíveis, aconteceriam e que vão muito além dos conteúdos e conhecimentos matemáticos previstos nas disciplinas escolares ou universitárias. É no interior das comunidades de prática que compartilhamos efetivamente experiências e desenvolvemos o trabalho colaborativo. Nesta perspectiva, entendo que um mecanismo de interação entre Universidade e Escola seria

o incentivo a criação e participação em comunidades de práticas que explorassem saberes e práticas matemáticas. Tais comunidades teriam como foco o trabalho colaborativo.

Neste contexto é importante diferenciarmos colaboração de cooperação, pois são muitos os entendimentos possíveis para estes termos. Enquanto a cooperação pressupõe o controle por alguém (um professor, líder, pesquisador...) com um objetivo prévio a ser atingido e de conhecimento do grupo, na colaboração a autoridade é transferida para o grupo, de modo que temos um compartilhamento da liderança e por consequência dos riscos, recursos, definição dos objetivos e resultados. A cooperação é uma prática mais presente em nossas escolas e universidades, enquanto a colaboração ainda é algo relativamente novo.

Entendo que Programas como o PIBID e OBEDUC poderiam se constituir em comunidades de práticas situadas na interface entre escolas e universidades no sentido de favorecerem a prática do trabalho colaborativo que promova situações de aprendizagem sobre a matemática, diferentes metodologias e possibilidades de abordagens em seu ensino.

Do mesmo modo, a criação de grupos colaborativos constituídos por professores de matemática e docentes de universidades também seriam estratégias de interação entre universidades e escolas. Nesta perspectiva, o desenvolvimento de pesquisas coletivas em Educação Matemática seriam produzidas, possibilitando o envolvimento de um número maior de pesquisadores que, no coletivo, problematizem situações de sala de aula que mobilizem conhecimentos e práticas matemáticas. Experiências neste sentido vêm sendo realizadas a exemplo do Grupo de Sábado vinculado ao Grupo Prática Pedagógica em Matemática (PRAPEM) da Faculdade de Educação da Unicamp.

Por meio do diálogo e do desenvolvimento de práticas colaborativas que aproximem esta tríade: docentes das universidades e das escolas e licenciandos, identificamos possibilidades efetivas de melhoria da qualidade do ensino de matemática. Políticas públicas e programas de governo podem e devem viabilizar tal aproximação, no entanto é no interior das escolas e universidades que objetivamente as ações se materializam.

Nesta perspectiva, diálogo e colaboração constituem-se em práticas a serem vivenciadas pelos sujeitos que efetivamente constituem as Universidades e Escolas. Diálogo e colaboração seriam ao mesmo tempo princípios e processos a serem incentivados e aprendidos na coletividade, no exercício do ser sujeito e estar no mundo, em que a matemática torna-se uma prática social e como tal necessita ser construída e legitimada nos diferentes espaços escolares, acadêmicos e de movimentos populares. Como nos coloca Boaventura Santos “Todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum”. Para este autor estamos em pleno processo de construção de um novo paradigma científico e social em que

emerge uma nova relação com a produção do conhecimento que só tem sentido se objetivar uma vida decente para todos. Todo esforço neste sentido é legítimo!

Andreia Dalcin

Professora da Faculdade de Educação / Departamento de Ensino e Currículo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, 15 de abril de 2015.